



PRÓ-SABER



**DE SONHO E
RESISTÊNCIA**

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

SINGILA DA SILVA PAULO

**ARTE E PSIQUE: O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO
DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2017

SINGILA DA SILVA PAULO

**ARTE E PSIQUE: O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO
DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Esp. Elaine Caetano

Rio de Janeiro

2017

P2851a	<p>Paulo, Singila da Silva</p> <p>Arte e psique: o olhar psicopedagógico do professor da educação infantil / Singila da Silva Paulo.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 27 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Elaine dos Santos Caetano</p> <p>1. Educação infantil. 2. Arte. 3. Psicopedagogia. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2017.

SINGILA DA SILVA PAULO

Dedico essa monografia primeiramente à minha mãe, pois foi a mesma que me incentivou a adentrar no Instituto de Educação Inocêncio de Andrade em nossa cidade e iniciar o curso normal. Minha mãe, que já era merendeira de creche, apresentou-me esse maravilhoso bosque que é a Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus alunos que diariamente demonstram em seus olhos o desejo e a alegria por aprender e ensinar.

Não posso deixar de agradecer aos meus professores, da educação infantil à graduação; obrigada por plantarem em meu coração o amor pela profissão.

Ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, que no último ano de formação e também de meu trabalho monográfico completava trinta anos de sonho e resistência. Eu que fora graduanda não poderia deixar de citar essa maravilha e muito menos deixar de agradecer.

E como forma de agradecimento, oferto humildemente essa homenagem a todo corpo docente, a todos os funcionários, que estenderam os seus braços e ombro amigo, para apoiar-me diariamente.

De modo especial ao Seu Tião, que preparava, de segunda a sábado, uma garrafa deliciosa de café e nos recebia com um sorriso alegre e esperançoso no rosto.

Este poema é meu agradecimento a este lugar iluminado.

L U Z E I R A R

Veja	São 30 a nos resistênciar
estrelas	São 30 a nos sensibilizar
Estrelas	São 30 a nos amar
no olhar	São 30 a nos afetar
São 30 a nos iluminar	São 30 a nos constelar.
São 30 a nos arterizar	Veja, é um ser.
São 30 a cuidar e educar	Chamado Pró-Saber.
São 30 a nos sonhar	

Singela Silva

“Ninguém educa ninguém,
ninguém educa a si mesmo,
os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Sim, com o estudo deste escrito monográfico, será possível conhecer, de um modo mais aproximado, as possibilidades da arte na educação; será possível entrar em contato com as dimensões que formam o ser cognoscente, o sujeito que aprende, tendo como referência teórica Maria Cecília Almeida e Silva (2010). A obra teórica de Madalena Freire (2008), além de contribuir para um aprofundado mergulho nas várias possibilidades de aprender e ensinar, agregou, durante o processo da pesquisa, com ferramentas, instrumentos metodológicos, para realizá-la. A pesquisa dessa monografia fora realizada a partir de auto-observação, e, a partir da observação dos movimentos comportamentais das crianças do maternal dois, com idades de três a quatro anos, com as quais trabalho numa creche localizada na zona Sul do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Educação. Psicopedagogia. Arte. Dimensões do ser humano. Instrumentos Metodológicos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A ARTE É O AÇÚCAR E A ÁGUA É A EDUCAÇÃO	10
2 EXPERIMENTANDO O SABOR DA ARTE	15
3 O GOSTO DO FAZER	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Em dois mil e quinze, ingressei no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, localizado no Largo dos Leões, número 70, no Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil.

Já tinha me formado como normalista em minha cidade natal (Monnerat) em dois mil e oito, então, como já trabalhava no ambiente educacional infantil e sem uma gota de dúvidas e já estava apaixonada pela profissão que exerço, resolvi, escolhi, sem "titubear", me inscrever no curso. Porém, o que eu não sabia era que a faculdade, com a duração de três anos, tinha/tem uma metodologia diferenciada.

Sim, ao invés de números, os alunos são chamados pelo nome. São convidados a resgatar a identidade, a autoria, a autoridade.

Mas, vamos por parte, para que não nos percamos nessa caminhada pelo conhecimento.

No instituto, a turma vive em grupo e o professor, próximo da turma, também faz parte desse grupo, como coordenador. Esse professor coordenador, tem observadores, que são, normalmente, ex-alunas do curso, para que possam lhe ajudar a olhar o funcionamento geral da aula, que além de aulas são também vividos como encontros. Esse olhar é direcionado, recebe focos e tem como objeto de observação o conteúdo ali trabalhado: o grupo de educandos e o ensinar do professor. Observador então, é coautor da aula. Os instrumentos utilizados no instituto são: observação, registro, avaliação, planejamento e reflexão.

Vou lhes contar aqui um pouco de como essa experiência me atravessou e me transformou e como transformou minha prática.

Dito isto, lhes falo que, neste registro monográfico, vocês poderão passear pela trajetória de transformação e formação que aconteceu com minha pessoa e com as crianças com as quais atuo em minha prática pedagógica

1 A ARTE É O AÇÚCAR E A ÁGUA É A EDUCAÇÃO

O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são.

Aristóteles

No primeiro período da graduação, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, acontecia uma disciplina coordenada pela professora Heloísa Protásio e chamada - Introdução à Psicopedagogia I. Vou contar um pouco sobre o que aprendi a partir desse encontro e do quanto acrescentou ao meu olhar enquanto educadora.

Imagine nós, com uma dor constante, que nos prejudica na realização das funções diárias...

Por um período de tempo, nós tomamos algum analgésico para que esse possa aliviar a dor. Porém, essa dor, que é o sintoma, é tratada com sucesso, mas apenas por um determinado período de tempo, pois, a raiz do problema precisa ser descoberta e cuidada.

Assim, antes de mil novecentos e oitenta e sete, as dificuldades escolares das crianças, como falta de concentração e desinteresse, eram tratadas como sintomas. O tratamento funcionou por algum tempo, mas as dificuldades escolares persistiram.

Tendo em vista esse insucesso citado acima, o Brasil, apoiou - se nas ideias de Jorge Visca, onde há a existência de princípios acolhidos pela escola.

Um desses princípios é o estruturalista, ou seja, a história de vida do sujeito, o contexto da mesma, é considerada uma rede de informações importantes para a compreensão do sujeito. Outro é o construtivista que afirma que o sujeito, ao desenvolver - se, está construindo conhecimento. E por último, mas não menos importante, o interacionista vê que é na interação, na relação com o outro, que a construção do conhecimento é feita.

Dito isto, não posso deixar de registrar que a Psicopedagogia, então, passa a enxergar o sujeito como objeto principal e não mais os sintomas.

Sabemos então, que esse sujeito, esse ser humano, é composto por três dimensões: racional, afetivo e social.

Para a Psicopedagogia, esse ser humano que falo a você é conhecido e, inclusive, reconhecido como ser cognoscente.

Você que me acompanha nessa descoberta incrível deve estar se perguntando: Mas o que é esse tal de ser cognoscente?

Esse ser cognoscente não é constituído somente pela razão, mas também pelo seu meio social e afetivo. Assim, a construção de conhecimento acontece a partir dessas três dimensões do ser cognoscente.

Depois de tudo, é importante relatar que, quando digo construção de conhecimento, não é apenas dois mais dois, mas também a construção do ser como um sujeito ativo na sociedade, um sujeito humano, sendo humano no meio em que vive.

Como nós estamos interessados e mergulhados nesse novo conhecimento, contarei a vocês de um modo mais aprofundado sobre as três dimensões.

A dimensão relacional, interpessoal, é constituinte no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente é determinado pelas relações que estabelece com outros sujeitos (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 35).

Caro acompanhante de conhecimento, sim, você mesmo caro leitor, imagina uma vitamina de frutas, no liquidificador... dentro deste há banana, morango, maçã, entre outros. Neste momento fica a critério de sua imaginação: pode colocar a quantidade de frutas que lhe agrada.

Quando o eletrodoméstico é ligado, os ingredientes se misturam, resultando uma harmonia, mas sabemos que ali, há diferentes alimentos, às vezes com sabor amargo, às vezes, sabor adocicado. Mas, o mais importante, é a mistura, indispensável para se ter uma boa saúde.

Assim, acontece com o ser cognoscente, na dimensão relacional. O mesmo se mistura com diferentes seres cognoscentes, ou seja, com diferentes seres humanos, e, na medida em que vão convivendo, ambos se afetando com suas experiências diferentes. Acontece, então, uma harmonia entre os participantes, porém, cada um permanecendo com sua unidade, com sua digital única. E, muitas vezes, nessa relação acontecem confrontos, divergências de opiniões necessárias para a construção e formação de todos os vinculados.

Abro esse espaço para agradecer a você que continua a me acompanhar nessa jornada aventureira que é a descoberta de novos conhecimentos.

Digamos, acompanhante, que tu estás a fazer um bolo. Dependendo da sua geração, pedes ajuda a alguém da família ou faz uma ligação para algum amigo, ou até mesmo procuras no Google, ou mais, tentas encontrar outras opções.

O que importa é que saber sobre as informações do como fazer um bolo é só metade do caminho, para que você aprenda, realmente, a fazer um bolo, é preciso pôr a mão na massa e falo isso no sentido literal.

Assim acontece com a dimensão racional. Para que o ser cognoscente construa um determinado conhecimento, é preciso estar em ação ativa com o objeto, ou seja, com aquilo em que vai aprender. E ainda digo mais, há casos e muitos, em que o sujeito precisa estar em contato permanente com o objeto. Isto é, mais de uma vez.

Portanto, a dimensão racional é constituinte no processo de construção do conhecimento pela ação do sujeito cognoscente sobre o objeto e estruturação desta ação - estruturação do vivido - formulada em percepções, discriminações, organizações, concepções, conceitos e enunciações, que crescem em complexidade formando etapas com estruturações próprias, que servem de gênese para a etapa seguinte (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 38).

Pois é, fazer um bolo não é tarefa simples, mas também não é tarefa impossível. É preciso pensar que, após uma etapa, vem a seguinte, e, quanto mais etapas, mais conhecimento construído.

Uma pausa para inspirar e expirar.

Pronto, após a respirada profunda, continuemos nossa aventura.

Então, a dimensão desiderativa é constituinte no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente é determinado por saber inconsciente instituído por moções do desejo que trabalham dinamicamente em todas as suas dimensões (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 43-44).

Ao olharmos para uma criança, não a conhecemos de fato. Podemos ter acesso às suas produções concretas e até mesmo aos seus comportamentos e ações, mas não podemos enxergar o que se passa no seu interior. Existe algo em nós que nos move, mas que não temos controle, porque somos formados pelo consciente e pelo inconsciente.

O consciente é regido pelo princípio da realidade, onde a razão, a consciência sobre o respeito das regras de convivência e a boa conduta na sociedade grita mais alto. Portanto, tudo que tem a ver com o lógico, o intelectual do ser cognoscente, é o seu consciente falando.

Agora, quando tem a ver com sentimentos, vontades, desejos é o inconsciente gritando a todo vapor, pois nós, seres humanos, somos regidos pelo princípio do prazer.

Acompanhante de jornada do conhecimento, não posso deixar de comentar que as três dimensões: a relacional, a racional e a desiderativa se complementam, isto é, trabalham juntas. É como uma verdura verde em nosso organismo; cada vitamina é direcionada a um determinado campo, para nos ajudar.

Assim, as dimensões estão em constante contato, entre harmonioso e com atrito, entre autonomia e heteronomia, entre prazer e realidade. “Vimos, então, que as diferentes dimensões do ser cognoscente se articulam na dialética da autonomia e da heteronomia. A autonomia advém da complementaridade das articulações e a heteronomia advém da distorção das articulações” (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 47 - 48).

Quando me encontrei com esse conhecimento das três dimensões foi “amor à primeira vista”.

A partir dessa definição, é possível compreender o que a professora trouxe para a turma sobre história da Psicopedagogia; quando relatava sobre a constituição do ser cognoscente, os meus olhos brilhavam, demonstrando a intensidade do interesse por estar podendo compreender mais as crianças.

Não posso deixar de comentar que, ao demonstrar tudo o que fora falado sobre esse ser pluridimensional, de modo concreto, este me foi apresentado pela professora por meio da arte: um quadro, com três manchas em cores diferentes, representando o ser cognoscente, o sujeito que possui pensamento crítico, o sujeito encharcado de vontades, de desejos, um sujeito contextualizado, pertencente a um meio social.

Agora, sabendo das três dimensões, como eu, uma professora da educação infantil, poderia fechar os olhos e não enxergar a criança nas suas três dimensões?

Pois, sabendo que a criança é um ser cognoscente, sabemos que não construirá conhecimento apenas pela razão, mas também pela relação e pela emoção.

Então, insisto a lhe perguntar e a me perguntar: Como o professor facilitará o desenvolvimento da criança, desse ser cognoscente, desse ser pluridimensional?

2 EXPERIMENTANDO O SABOR DA ARTE

Quando reclamamos a contribuição da arte à formação do professor, temos em mente que ela congrega um conhecimento que trabalha com as polaridades: ao possibilitar o gostoso, também engendra o desgostoso; ao dar prazer, também provoca o desprazer; se traz satisfação, igualmente dá frustração; se permite trazer à tona a luz da existência, também mexe com as sombras do ser humano; o sublime e o horrível, o belo e o feio: está tudo aí, no processo artístico.

Maria Isabel Leite e Luciana Ostetto

Ainda não tinha uma hipótese para nenhuma de minhas perguntas... Até que me deparo com a experiência proporcionada por outra disciplina do curso: Alfabetização Cultural.

Com essa disciplina, as alunas do curso visitam espaços culturais existentes pela cidade do Rio de Janeiro. Vou relatar uma experiência marcante que vivi a partir desse encontro, que acabou se tornando um divisor de águas na minha forma de olhar e experimentar o mundo.

No primeiro semestre, em 2015, nós fomos ao Teatro Municipal.

Recordo-me, claramente, que meu estômago parecia o “Alasca em tempo de inverno”. Foi o maior frio na barriga que já senti! Pois, sentia o desejo de conhecer aquele lugar e ao mesmo tempo o medo por estar conhecendo aquele lugar.

Durante todo o percurso, me perguntava mentalmente:

- Como o Teatro Municipal é por dentro?
- Será que terá muita gente?
- Será que estou bem vestida?
- E o concerto, como será um concerto?

Para acalmar-me e para cumprir uma tradição familiar, liguei para minha mãe, avisando onde estava indo e para lhe pedir a benção.

- Alô, mãe? Estou indo ao Teatro Municipal... Parece que é um lugar mágico.
- Tá bom, minha filha, se comporta na casa dos outros. Comeu antes de sair de casa?
- Sim, comi! Mãe, sua benção.

- Deus te abençoe, minha filha.

Ao desligar o telefone, a claridade da saída do metrô bateu em meu rosto. O nervosismo gritou novamente em minha barriga, mas meus passos encontraram firmeza, quando reconheci os rostos de minhas colegas de turma e da professora Melissa Lamego, coordenadora da disciplina.

Nossa! Como todas estavam lindas, bem vestidas, perfumadas, maquiadas, deslumbrantes para caminhar por um novo caminho! Entre os sorrisos e abraços, fomos nos acolhendo, nos pertencendo; abrindo nossos corações para as descobertas.

Em meio a flashes e mais flashes, nós nos encantávamos com as obras primas penduradas nas paredes, com os móveis arquitetônicos, com a cor do piso, com a iluminação brilhante do lugar.

Lembro-me e ainda sinto a sensação de estar passeando por um castelo.

E, penso eu, como em todo castelo, as poltronas são forradas por um tecido aveludado vermelho e acolchoado, que nos recebe confortavelmente para que possamos viajar com o espetáculo que naquele momento assistíamos.

Por falar em espetáculo, a primeira coisa que me chamou a atenção foram as roupas dos músicos da orquestra: todos de preto, para que os instrumentos musicais saltassem diante do público, assim, concluo, hipoteticamente.

Quando ouvi o som do violino, fora arrastada para as vezes que o ouvi dos músicos autônomos, pelas ruas da cidade. Como nunca me atentei para sentir essa beleza?!

Em outra composição, lembrei-me dos desenhos animados de minha infância.
Choro de nostalgia.

Em outra composição: choro de gratidão por eu, uma menina pobre, vinda do interior do Rio de Janeiro, estar ali, tendo a oportunidade de ser afetada.

Outra composição e choro, apenas choro por estar sentindo.

E mais e mais composições eram tocadas!... E mais e mais, eu era tocada.

De pé, aplaudi a orquestra aplaudida.

Naquele momento, as lágrimas percorriam minha face, se deitando ao sorriso que largamente teimava em aparecer em meu rosto.

A turma, encantada, se direcionava para a saída. Eu permaneci sentada na poltrona vermelha aveludada, que àquela altura era mais uma amiga que se

oferecera, como ombro amigo, para acolher os meus prantos, enquanto eu me recuperava.

Pronto!

Sapatos calçados novamente em meus pés e estava pronta para mais uma vez abraçar minhas amigas de turma e agradecer minha professora Melissa Lamego.

Naquele mesmo dia, na mesma estação de metrô de minha ida ao evento, voltava ainda flutuando para casa, quando, inesperadamente, dois músicos autônomos entram no vagão em que eu estava.

E, adivinha?

Sim, caro acompanhante de jornada do conhecimento...

Os músicos autônomos tocavam violinos.

Ai, que sensação maravilhosa!

Parecia que estava sentindo novamente o gosto da apresentação da orquestra no Teatro Municipal.

E todas as vezes que me deparo com som de violinos, de flautas, de violão ou de violoncelo, sinto esse gosto açucarado na boca, na alma, no meu ser.

Digo que, aquele dia fora como se tivesse partido o bolo e descoberto que havia recheio de brigadeiro.

A partir daquela experiência, me tornei uma pessoa de olhar atento aos acontecimentos à minha volta. Tornei-me mais sensível, mais próxima do ser humano. E falo, sem tremer a língua, que essa transformação aconteceu tanto na minha vida pessoal, quanto na profissional.

Continuava a me fazer as mesmas perguntas e pensei que a arte não nos torna melhores, mas exalta que todos nós temos o melhor, que todos nós, de fato, somos artistas. Então, talvez haja um caminho possível... A Arte!

Sim.

Arte.

Por meio da arte, as crianças podem viver uma aprendizagem significativa, pois estão aprendendo pela experiência.

Mas, "povo meu", com os nervos à flor da pele, indago:

Como a arte, utilizada como instrumento, afeta as três dimensões do ser humano?

Como a arte afeta a psiquê do ser cognoscente?

Como a arte transforma, forma o ser humano?

E cá estou eu, me fazendo perguntas novamente... Como é possível a arte fazer tanto por uma pessoa, por uma criança, por um adulto, por um educando, por um educador? Já era a arte transformando meu pensamento, me transformando.

Acompanhante de conhecimento, talvez você esteja se perguntando sobre o porquê estou interessada nesse campo tão pouco cavado.

Confesso a você, com alegria nos olhos, que eu, eu mesma, essa que vos escreve, é exemplo vivo do que a arte pôde fazer na vida de um sujeito.

Peço que você continue me acompanhando, se está com medo, cansado, ou aflito do que vai ler, lhe digo que esses sentimentos são sinais de comprometimento, basta colocá-los no bolso e seguir adiante.

3 O GOSTO DO FAZER

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; demorar – se mais nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção, e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência, e dar - se tempo e espaço.

Jorge Larrosa Bondía

Como dizia... a arte na educação é extremamente importante, pois possibilita (trans) formação e essa só ocorre sendo vivenciada. É uma ação particular, por isso, a experiência da criança, no processo de aprendizagem, é indispensável.

Essa compreensão da importância do viver ativamente a ação, fora descoberta em uma das aulas da disciplina Psicologia da Comunicação I: creche e comunidade, coordenada pela professora Elaine Caetano.

De cara já fiquei encantada pela história de Reggio Emilia.

Como é possível, após a Segunda Guerra Mundial, uma cidadezinha no interior da Itália, que estava literalmente destruída pelas bombas e armas da guerra, ser reconstruída?!

É incrível saber que os moradores, tocados por toda a situação, resolveram se unir e reconstruir o lugar onde moravam e onde os seus filhos iam crescer... Pensavam para além da moradia das crianças, pensavam na educação dos pequenos.

É maravilhoso saber que uma escola, a partir de tudo isso que citei acima, fora construída.

Porém, caro acompanhante, não só uma escola fora construída. O modelo Reggio Emilia é experienciado num contexto que valoriza o processo mais do que o

resultado, em que a arte tem um lugar na rotina, pois há o reconhecimento do quanto se educa a partir da arte.

DE JEITO NENHUM. AS CEM ESTÃO LÁ

A criança é feita de cem.
 A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar.
 Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.
 Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.
 Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem (MALAGUZZI, 2016, p. 20).

Quando conheci este poema, pude compreender o pensamento que inspira o modelo Reggio Emília. Pude compreender que o papel do educador pode, em algumas vezes, apenas ser uma ponte silenciosa, ativa, interativa, porém, silenciosa.

Muitas vezes, nós, professores de educação infantil, agimos como pontes, mas, às vezes, quando a criança quer caminhar mais longe com o conhecimento, nós pegamos em suas mãos e a arrastamos em direção à nossa direção.

Noutro ano, propusemos um passeio ambiental em torno da creche, onde as crianças puderam observar, tocar em árvores, pedras, bichos, folhas, terra, entre outros. Após o passeio, incentivamos que elas desenhassem árvores. Mas falo isso vergonhosamente, porque oferecemos giz de cera apenas nas cores marrom e verde, as “cores das árvores”. Quando me encontrei com o poema e tudo que ele traz, essa lembrança arrastou-me à reflexão: os cem de muitos, naquele momento, virou cem de nada.

Hoje, compreendo que, ao realizarmos uma aula passeio ambiental, uma folha em branco, giz de cera em variadas cores, tinta guache, massinha, materiais

recolhidos durante o passeio e toda expressão concreta da criança é sistematização e construção de conhecimento.

Hoje, feliz, relato a você, acompanhante de leitura/conhecimento, que, a partir desse poema, do contato com Reggio Emilia, minha prática educacional com as crianças mudou, pois o processo vivido por cada criança para a construção do conhecimento ganhou mais valor.

Assim, em sala de aula, os jogos ficaram mais presentes; a utilização dos materiais de sucata também. E as músicas clássicas agora fazem parte da rotina.

E digo mais, acompanhante, o desejo de oportunizar às crianças a se aproximarem com o extraordinário, estarem em contato com diferentes artistas, visitarem espaços culturais, bate fortemente em meu coração.

A arte nos convida a experimentar.

Hoje, compreendo que a criança apreende com as mãos, com os pés, com a mente, com a pele, com as sensações. A criança apreende, aprende com o corpo, com a exploração, com a vivência, vivendo.

Não posso deixar de registrar, que a participação da família das crianças é importante, assim como a presença dos educadores.

Que os instrumentos metodológicos utilizados pelos educadores são indispensáveis, pois é na observação, no registro, na avaliação com e sem as crianças, que os conhecimentos são organizados nos caminhos percorridos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor da educação infantil, sabendo que a criança é constituída pelas três dimensões, a racional, a relacional e a desiderativa, se empenhará em realizar atividades que as afetam.

Para que esse movimento em prol do desenvolvimento das crianças ocorra, o educador poderá utilizar a arte como instrumento, como ferramenta, como ponte e via para chegar ao sujeito, ao ser cognoscente, que aprendi ser o objeto da psicopedagogia.

Não posso deixar de comentar, nesse registro monográfico, que o olhar psicopedagógico do professor de educação infantil voltado à criança o levará a estar em constante formação, envolvido e comprometido com a educação. O levará também a afetar suas dimensões, pois ele também é um ser pluridimensional.

Outro dia, enquanto eu e minha parceira de trabalho, Patrícia Paulino, estávamos construindo o planejamento para a semana seguinte, ela me surpreendeu ao revelar que as músicas da orquestra sinfônica que eu colocava na hora do sono das crianças além de ser muito bom para as crianças, também era muito bom para ela.

- Sabe Singela, essas "músicas de ópera"... rrsr... que você traz, me fazem me sentir muito bem; parece que estou flutuando e, realmente, me sinto mais leve, mais paciente com as crianças e com as pessoas.

Sorri, enquanto respondia. É, parece que a arte realmente nos move.

Para meu espanto maior, a diretora da instituição na qual atuo, pediu que no projeto seguinte, que é mudado mensalmente, para que nós, oficialmente, fizéssemos um momento de relaxamento com as crianças, com massagens e músicas lentas, tocantes. Essa foi a forma como ela qualificou a música clássica.

Sei que parece pouco ou simples, para alguns de vocês que estão lendo esse texto, porém, esse movimento é o primeiro passo de muitos.

Agora, pergunto a você, que me acompanhou até aqui:

Como saber se minha aposta na arte na educação é um caminho a ser seguido?

Quais os sinais que tenho para saber se estou no caminho certo?

O que vejo nas crianças que me faz seguir adiante?

Tenho a audácia de te responder lhe fazendo uma pergunta:

Como foi sua infância? Como fora a educação dessa criança que hoje está lendo este texto monográfico?

Digo sem medo e sem vergonha nenhuma, que minha infância na educação fora como um passarinho numa gaiola, como uma pipa pregada na parede.

Ao chegar ao Pró-Saber, eu era uma pipa com varetas frágeis, seda desbotada, rabiola amassada e rasgada.

Eu, Singela Silva, era uma pipa que tinha vivido numa parede, era uma pipa com medo do vento.

Ao longo de três anos, com a valorização do meu eu, com a descoberta da Psicopedagogia, com o encontro de mim, comigo mesma, fez com que eu enxergasse o que há de melhor em mim, enxergasse minha força, minha beleza.

Assim, com minha autoria fortificada, com minha vareta firme, encharcada de conteúdo teórico, com minha seda iluminada, brilhante com minha prática pedagógica, pude me envolver com o vento não mais tão assustador e, corajosamente, voar.

Com a Alfabetização Cultural, em cada aula, minha rabiola fora ganhando cor, em cada poema, em cada texto, em cada visita aos museus, em cada nutrição estética.

A arte é a rabiola de minha pipa; a arte me faz brincar, dançar com o vento.

E mesmo temerosa com os ventos de cada dia, almejo voos e voo, corajosamente.

Ao entrar em contato com a disciplina Introdução a Psicopedagogia, pude compreender a constituição do ser humano; pude perceber que nós somos feitos para além da carne e da razão, de relação com o outro. Somos feitos a partir de nossos contextos.

O professor da educação infantil, sabendo que a criança é constituída pelas três dimensões, a racional, a relacional e a desiderativa, se empenhará em realizar atividades que as afetam.

Para que esse movimento em prol do desenvolvimento das crianças ocorra, o educador poderá utilizar a arte para chegar ao sujeito como objeto da psicopedagogia.

Pois bem, acompanhante de leitura...

Com a disciplina Alfabetização Cultural, coordenada pela professora Melissa Lamego, pude além de sentir, comprovar que a mudança ocorre sim, que a arte afeta.

E por último, mas não menos importante, o encontro com a disciplina Psicologia e Comunicação I: creche e comunidade, me levou a afirmar, sem tremer a língua, que sou educadora, que acredito em cada criança. Que acredito que, cada criança, cada educando, é uma pipa voadora, é um pião voador, alcançando cada vez mais voos pelo mundo e que a experiência, o ato de voar, é indispensável para se aprender a voar.

Para falar um pouquinho mais sobre Arte e Psiquê e o olhar psicopedagógico do professor da educação infantil, conversei diretamente com Maria Cecília Almeida e Silva, reitora e inventora do Instituto Superior de Educação Pró-Saber e com Hélio Rodrigues, professor e arte-educador do instituto.

E como aponta Maria Cecília, às vezes, parece que a gente está complicando, que é difícil, mas vale a pena, porque a alegria de ser professor, a alegria de ver a terra fértil e que está dando fruto, se dá através desse olhar diferenciado, cuidadoso, singular para cada um. Vale a pena. É importante dizer que a arte é educação.

Se você sai da aproximação com uma obra de arte qualquer, sem se modificar, não é obra de arte, e se você se modificou, já é uma educação. A relação do simbólico com a arte... Freud dizia uma coisa: onde eu chego, os poetas já estiveram. Os poetas chegam ao conceito pela metáfora; eles não precisam racionalmente chegar a alguma coisa. E é nessa metáfora que entra a arte. O Pró-Saber tenta criar espaços geracionais, como se fosse uma terra fertilizada e, na medida em que você cria uma sala de aula fértil, vai acontecer.

Todo professor deve, portanto, se tornar um artista. Porque o professor artista lê não só o que está explícito, ou seja, não só o que a criança fala, mas de certa forma, os sentimentos e pensamentos dela, não todos, mas entende.

Segundo Hélio Rodrigues, as pessoas têm percebido a importância da arte na educação, porém, ainda ficam muito aquém. A arte não deve estar setorizada, precisa perpassar todos os segmentos da educação.

Talvez, um dos grandes impedimentos para que talvez ela não tenha o espaço merecido é essa obsessão que as pessoas têm por um objetivo específico, como, por exemplo: “aprendo matemática para isso, aprendo português para aquilo;

faço o vestibular para entrar na faculdade e ganhar um bom emprego”. Acontece uma pressa e um imediatismo e esse imediatismo dificulta que a pessoa possa processar a importância da arte.

A arte que acontece nos currículos escolares precisa ser revisitada. O que eu vejo é que os professores instigam os alunos para uma produção de beleza nos moldes restritos do professor ou da instituição. Então, o processo de experimentação de um aluno acaba não gerando tanto interesse ou não sendo considerado como um trabalho de representatividade. Isso não é arte, isso não é arte-educação.

Arte-educação é do processo até o produto, e, muitas vezes, não temos nem o produto, só o processo. E o que mais a arte nos deixa é o exercício da subjetividade, é a formação do sujeito. É importante se perguntar: o que a gente quer: indivíduos pensantes ou empregados? Nesta relação da arte com a subjetividade, o sujeito fortalecido vai ter muito mais condições de chegar a um aprendizado, até mesmo ao aprendizado formal, a atualização educacional. Ele, naturalmente, vai ter uma relação com o processo educacional mais amplo, de muito melhor qualidade. Atualmente, tento fazer uns gráficos, para que as pessoas compreendam mais claramente o papel da arte educação.

Na arte estão o processo e o produto ➡ a arte promove subjetivação ➡ a
 subjetivação ➡ ao alto conhecimento
 ↳ a reflexão ➡ a cognição ampla.
 E esse movimento é infinito, só para quando a gente morre.

Dito isto, diariamente, preciso fazer o meu papel de professora sensível, humano, de professora encorajadora, de professora artista, que acredita fielmente que a arte precisa estar na educação assim como água e açúcar se misturam.

Para os educadores

Permita-se
 ser humano não tenha medo de esbanjar
 gentilezas por aí, por aqui, por onde passar,
 em cada lugar com o sorriso estampado na face, abrace com o olhar
 as coisas e as pessoas, porque elas foram feitas para amar
 a vida que passa no seu coração e reciclar

o mundo com afeto
em qualquer hora sempre afeta
aqueles do útero ao último suspiro
um doce de vez em quando é bom
é morno, é mais ou menos, seja muito
doce com a vida, adoce todos os dias
nublados também são dias, viva-os,
torna-se sol,
brilho nos olhos, é sinal de alma
faça tudo com alma, seja humano
por favor, te peço, permita-se

Permita – se.

Singela da Silva Paulo

REFERÊNCIAS

ALMEIDA E SILVA, M. C. **Psicopedagogia**: A busca de uma fundamentação teórica. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, M. **Educador**: Educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MALAGUZZI, L. De jeito nenhum. As cem estão lá. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016.

OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. Formação de professores: O convite da arte. In: OSTETTO, L.E.; LEITE, M. I. **Arte, infância e formação de professores**: autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2010.